

A charge e a tragédia do Rio Grande do Sul: letramentos, gênero textual e suas funções

Baktalaia de Lis Andrade Leal¹

Resumo: Em maio de 2024, O jornal *Folha de São Paulo* publicou um *post* na sua página do *Instagram* que provocou milhares de reações de leitores e seguidores. Trata-se de uma charge do cartunista Jean Galvão que aludia à tragédia climática no Rio Grande do Sul, no Brasil. Esse conflito midiático motivou a escrita deste texto que realiza uma análise desse conteúdo postado e das reações e motivos dos leitores insatisfeitos. Esse trabalho tem o intuito de discutir sobre a natureza do gênero e sua funcionalidade na esfera midiática moderna, levando em consideração pressupostos teóricos de autores como Bakhtin (2003), Possenti (2010), dentre outros. No decorrer das análises, algumas outras charges são introduzidas para promover um diálogo entre elas, usando o método comparativo a fim de entender porque alguns cartuns são aceitos e outros rejeitados dentro do atual ambiente midiático, onde se identifica a chamada “cultura do cancelamento”. Entender os caminhos da produção e da interpretação de textos é uma tarefa relevante para uma sociedade visceralmente comunicativa que fervilha em julgamentos, mas nem sempre está disposta a compreender os diversos tipos de letramento necessários para a ampla compreensão dos fenômenos da linguagem.

Palavras-chave: Charge. Letramentos. Gêneros textuais. Função dos gêneros.

The cartoon and the tragedy in Rio Grande do Sul: literacies, text genre, and their functions

Abstract: In May 2024, the newspaper *Folha de São Paulo* published a post on its Instagram page that sparked thousands of both reactions from readers and followers. The post featured a cartoon by artist Jean Galvão, which alluded to the climate tragedy in Rio Grande do Sul, Brazil. This media controversy motivated the writing of this article, which analyzes the content of the post as well as the reactions and reasons behind the dissatisfaction of some readers. The aim of this study is to discuss the nature of the genre and its role within the modern media sphere, taking into account the theoretical perspectives of authors such as Bakhtin (2003), Possenti (2010), among others. Throughout the analysis, other cartoons are introduced to foster a dialogue among them, using the comparative method in order to understand why some cartoons are accepted while others are rejected in the current media environment, which is marked by the phenomenon known as "cancel culture." Understanding the processes of text production and interpretation is a relevant task for a society that is deeply communicative and brimming with judgments, yet not always willing to engage with the diverse forms of literacy required for a broader understanding of language phenomena.

Keywords: Editorial cartoon. Literacies. Textual genres. Genre function.

¹ Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Doutor em Letras (PUC-Minas). ORCID id: <https://orcid.org/0000-0001-7509-7263>. E-mail: baker-br@hotmail.com.

Introdução

Em grande parte dos dicionários e em muitos livros que ensinam as categorias de textos, os gêneros, além de serem definidos, são apresentados com atributos e funções específicos. Assim, em muitos desses materiais, é comum encontrarmos, por exemplo, o conceito da palavra “edital” ou a concepção do termo “piada” e, juntamente com esses verbetes, nos deparamos com explicações do tipo “tal gênero serve para...”. Torna-se natural a partir daí acharmos que determinados gêneros têm funções exclusivamente definidas para determinado objetivo comunicacional, e, por esse princípio, não seria adequado usar o estilo e a linguagem típicos de uma piada para escrever um edital de um concurso público. Isso é, em certa medida verdade, posto que as naturezas desses dois textos impedem que o estilo de um seja usado no corpo textual do outro, mas, ao mesmo tempo, acreditar fixamente nesse pressuposto pode nos fazer pensar que o que é “relativamente estável” seja visto como “hermeticamente funcional”.

A charge² é o gênero textual rico em funcionalidades, tem um tom crítico, informativo, opinativo e emocional, além disso associa-se a acontecimento reais e da atualidade, enquanto a literatura se conduz pela ficcionalização da realidade. Tais fatores colocam a charge mais próxima do jornalismo que da literatura.

O gênero charge é o resultado de uma sofisticação estética que mobiliza muitas interpretações, adora figuras de retórica, nela circulam intertextualidades, metáforas, e explora a criatividade com humor refinado, consegue ser dramática ou cômica. Ela circula dentro ou em conexão com matérias literários como livros, projetos literários, lendas, mitologias, folclores etc. Com isso percebemos que toda charge é uma produção que está em entremeio da literatura, da arte gráfica, do jornalismo, do entretenimento, da textualidade em geral, por isso, embora classifiquemos a charge como gênero textual, ela é participante de vários universos comunicativos, o que faz com que pessoas nem sempre consigam perceber por quais ou mais nichos ela pode aparecer.

Tendo passa pode por esse trecho conceitual, partiremos diretamente para as questões mais práticas dos polêmicos debates que envolvem o evento.

² Será usado o termo “charge” como sinônimo de “cartum” e “desenho”, embora tecnicamente esses termos guardem diferenças entre eles, não será levado em conta as minúcias dessas distinções.

Tragédia e comunicabilidade

Diante da tragédia humana e climática ocorrida no Estado do Rio Grande do Sul (Brasil) em maio de 2024, quando chuvas intensas alagaram parte do Estado, deixando mais de 400 municípios com mortos e desabrigados; muitas entidades, governos, ONGs e principalmente pessoas partiram em socorro das cidades afetadas pelo desastre.

O triste acontecimento tornou-se notícia, jornalistas exerceram seu trabalho na cobertura do evento, influenciadores de mídia tentaram incentivar seus seguidores na ajuda por meio de “vaquinhas”, climatologistas estudaram causas e realizaram denúncias: todos esses comunicadores e outros milhares foram operadores da linguagem. Nesse espaço comunicativo houve também os chargistas, e grande parte deles emprestaram seu talento e influência para contribuir na divulgação do acontecimento.

Em meio a esse embalado emaranhado de discursos, o cartunista brasileiro Jean Galvão publicou pelo jornal *Folha de São Paulo* a seguinte charge que será a principal matéria desta discussão:



Figura 1: Charge de Jean Galvão (2024)
Fonte: Instagram da Folha de São Paulo (@folhadespaulo)

O cartunista desenha uma família ilhada no telhado de uma casa, o pai olha para o céu em busca de ajuda, a mãe cuida do casal de filhos, a filha consola o irmão cochichando: “não chora, vai alagar ainda mais”.

Para espanto de muitos, a charge foi interpretada por milhares de pessoas como um deboche do desenhista diante da lamentável catástrofe. O *post* contou (até o momento desta escrita) com mais de cem mil comentários, muitos dos quais acusavam o cartunista de zombador e insensível. Um dos argumentos ocorrentes em centenas de comentários é que uma

tragédia não pode servir para um objetivo de humor. Destacamos dois comentários de reação escritos por leitores:

C1: “Um absurdo fazer piada com uma situação dessa”.

C2: “A última coisa que precisamos é de piada com a nossa desgraça”.

Após a repercussão negativa do desenho, o cartunista fez um *post* em seu perfil pessoal explicando suas intenções:

A você, que foi ofendido pela a (*sic*) charge que publiquei na Folha sobre a situação no Rio Grande do Sul, peço desculpas. Entendo sua genuína indignação. A charge não teve o efeito que eu pretendia, isso significa que em alguma medida, falhei na comunicação do desenho. [...] Geralmente, nós cartunistas, não gostamos de explicar a própria charge. Quero fazer o contrário aqui, explicando: charge não se resume a piada, charge não é deboche, não é meme. A natureza primeira da charge é provocar a reflexão. Para isso, na maioria das vezes, usamos humor, mas nem sempre é o caso. A charge em questão é séria e triste. Uma família desabrigada, sobre o teto de sua casa alagada. A mãe cuida das crianças e olhar para o céu, assim como o pai, que procura ajuda. Duas crianças observam o rio de lama. A menina cochicha para o irmão, não querendo ser ouvida por mais ninguém. "Não chora, vai alagar ainda mais." As expressões dos pais são sérias e as das crianças, tristes. Aqui dou voz à inocência da menina, que entende que cada gota a mais que cai do céu fará o nível da água subir. Até uma gota de lágrima. Ao mesmo tempo, tentei mostrar que, se esse choro pudesse ser medido, as lágrimas dela seriam muito mais volumosas do que qualquer quantidade de chuva que caiu sobre o Rio Grande do Sul, tamanha a dor que estão passando. Encerro com um apelo para que, juntos, possamos oferecer apoio às famílias afetadas por meio de doações e solidariedade (Galvão, 2024).

A justificativa ganhou muitas respostas de apoio, mas, embora Jean Galvão tenha esclarecido que não havia intuito de zombaria ou pretensão de sensibilizar os leitores frente a calamidade, e apesar de ter se desculpado por sua charge ter causado um infeliz resultado, não escapou de novas reações negativas.

Desenvolveremos a seguir algumas reflexões sobre gênero e sua função e em seguida retornaremos à análise desta charge.

Afinal os gêneros tem função fixa?

Para qualquer bom leitor, é essencial ser capaz de detectar o gênero textual e literário que está sendo usado no ato de comunicação e assimilar a informação diante da situação linguageira dada, do contrário, o sujeito encontra dificuldades de tornar-se parte integrante de uma sociedade fortemente interpretativa. Como explica Bronckart: “A apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas” (1999, p.103). Acabamos de fazer duas afirmações distintas:

- i) detectar o gênero textual usado;
- ii) assimilar o significado da linguagem diante da situação dada.

A primeira afirmação implica que o sujeito na situação comunicativa primeiramente detecta o gênero do texto. Esse ato parece ser instintivo, pois quando um garçom nos oferece um cardápio num restaurante, de imediato identificamos que aquele suporte de texto chamado cardápio ou menu não é de forma alguma um livro de prática religiosa ou um panfleto oferecendo tratamento ortodôntico. Juntamente com essa identificação, deduzimos que o cardápio tem a finalidade de apresentar os alimentos e bebidas a serem escolhidos para o consumo.

A segunda afirmação implica que, mesmo quando o sujeito detecta um gênero em uma situação comunicativa, deve em seguida assimilar de quais formas o gênero pode ser repaginado em sua função. Por exemplo, quando alguém ouve: “Era uma vez...”, deduz, com esse prólogo, que se trata de uma história ficcional ou uma fábula, porém deve ser capaz de assimilar um novo teor significativo, caso se trate de uma história verdadeira ou de algo inesperado como por exemplo:



Figura 2: Editorial do Estadão (2024)
Fonte: Site Estadão (<https://estadao.com.br>opinioao>)

Embora a introdução “era uma vez...” sugestione o início de uma fábula ou conto de fadas, o texto apresentado na figura 2 é uma manchete de uma matéria da seção de economia

do jornal *Estadão*. A matéria é iniciada com um prelúdio de história de fantasia para insinuar ao leitor a ideia de que o “conto de fadas” de uma economia estável acabou. Trata-se, portanto, de um *gênero híbrido*, pois funde elementos da estrutura narrativa/literária com um texto jornalístico/opinativo. Em geral, os leitores assimilam a guinada interpretativa sem problemas, ou os leitores reconduzem seu esforço interpretativo em outra direção diferente da que imaginara inicialmente.

Independentemente se se trata tecnicamente de uma *intertextualidade tipológica*, de *gêneros híbridos* ou de *gêneros emergentes*, um bom interpretante não perde de vista nem a proposição inicial dos gêneros identificados, nem as possibilidades inovadoras que as situações comunicativas podem proporcionar.

Desde que Bakhtin elaborou as primeiras ideias consistentes sobre *gênero discursivo*³ (na terminologia do autor), já se sabe que os gêneros, conceitualmente falando, são modelos relativamente estáveis de textos: “Cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso.” (2003, p.262). Porém, é preciso conceber também que essa relatividade se dá não apenas em termo de conceitos, mas também de função.

A fim de exemplo, pode-se dizer que uma poesia pode adquirir funções inesperadas, bem distantes das funções ortodoxamente atribuídas a ela, uma história em quadrinhos pode ganhar outros objetivos para além de entreter e divertir, a bem da verdade, as HQs já operam com muitas outras finalidades embora muitas pessoas ainda tenham fixado no imaginário a compreensão de que os quadrinhos tem a função apenas para divertir e entreter.

Portanto, pode-se seguramente negar que os gêneros tenham funções fixas intransponíveis, pelo contrário, é na dialética entre situação e modelo que a linguagem se multiplica e os gêneros se ampliam juntamente com ela.

Afinal os gêneros tem função instável?

Como fenômeno da linguagem, os gêneros tendem a estabelecer uma certa estabilidade, como afirma Bakhtin. Essa estabilidade é constituída no espectro social e é ela

³ Nesse trabalho haverá preferência pelo uso da expressão “gênero textual” (ou de texto), reconhecendo, no entanto, que “gênero do discurso” (ou discursivo) foi o tratamento original dado por Bakhtin para os tipos de enunciados que circulam na esfera social, de forma semelhante ao que se entende “gênero textual”, que são realização concreta da linguagem na estrutura do texto.

que faz com que os leitores reconheçam prontamente os pertencimentos e o modelos. Já se concebe que, quando um leitor está diante de um texto qualquer, a primeira leitura realiza não é a decodificação das letras e das palavras, mas a percepção de qual gênero textual se trata, como afirma Possenti:

[...] a questão da leitura deixa de ser prioritariamente uma questão de texto (ou uma relação texto-leitor), para ser, antes de qualquer coisa, uma questão de sentidos mais ou menos assentados, conforme um campo ao qual um texto está associado. Ou seja, não lemos simplesmente textos, lemos literatura, ciência, religião ou publicidade [...] A primeira chave de leitura, portanto, está nesta descoberta do leitor, que na verdade, não precisa fazê-la, porque o texto vem sempre acompanhado de todas as indicações de como deve ser lido (2010, p. 16).

Um leitor perspicaz concebe que esta estabilidade é apenas relativa e que os modelos textuais podem romper o espectro de adequação e operar sob uma readequação de estilo. Como ocorre no texto do poeta luso-moçambicano Reinaldo Ferreira, que se comporta formalmente como uma receita de bolo:

Receita para fazer um herói

Tome-se um homem,
Feito de nada, como nós,
E em tamanho natural.
Embeba-se-lhe a carne,

Lentamente,
Duma certeza aguda, irracional,
Intensa como o ódio ou como a fome.
Depois, perto do fim,
Agite-se um pendão
E toque-se um clarim.

Serve-se morto.
(1998)

O poema apresenta elementos da linguagem de uma receita gastronômica: no posicionamento dos verbos no indicativo no início de versos, na ordem temporal dos

acontecimentos, no título de expressividade nem um pouco tácita: “Receita para fazer um herói”. Porém o texto nada tem de teor culinário. Dentre as formas como o poema pode ser interpretado, pode-se dizer que se trata da exploração do ser humano, das mazelas e degradação das relações sociais oportunistas gerando a desumanidade e a morte.

Como se vê, os gêneros têm funções e conceitos relativamente estáveis e por isso são passíveis de inovações. O próprio chargista Galvão apontou esse aspecto: “[...] explicando: charge não se resume a piada, charge não é deboche, não é meme. A natureza primeira da charge é provocar a reflexão. Para isso, na maioria das vezes, usamos humor, mas nem sempre é o caso” (2024).

A pessoa letrada textual e discursivamente pode interpretar o gênero e igualmente considerar posteriormente a possibilidade da existência da subversão da linguagem, que pode ocorrer tanto na forma quanto na função.

Charge: funções e interpretações

Dentre os argumentos contrários à charge de Jean Galvão, soa como principal o fato de que charges são um tipo de desenho usado para expressar exclusivamente humor e ironia.

Recuperando alguns conceitos de charge, verificamos concepções limitantes para o entendimento do gênero, como conceitua Lima: “Charge tem a finalidade de ilustrar, por meio da sátira, os acontecimentos atuais que despertam o interesse público. [...] Caráter: humorístico, cômico, irônico e satírico” (2019), e ainda, a charge é um “... desenho de caráter humorístico que retrata satiricamente determinado fato da atualidade, destacando uma ou mais personagens envolvidas” (Michaelis, 2024).

Tais conceitos propõem uma compreensão de charge apenas como elemento humorístico, como se a função do gênero não pudesse abarcar outros efeitos de sentido, dosando uma restrição da sua função, prescrevendo os limites que devem ser obedecidos por autores e leitores.

Porém a linguagem não caminha obrigatoriamente por espaços restritivos, se assim fosse, nenhum novo gênero ou modulações de gênero surgiriam jamais.

Esses conceitos limitantes estão inadequados ao propósito didático, pois há tempos as charges são produzidas com intenções diversas, como: sensibilizar, alertar, homenagear,

denunciar etc. Vejamos o exemplo da homenagem feita por Maurício de Souza quando da morte do seu amigo Quino, famoso desenhista argentino e criador da personagem Mafalda:

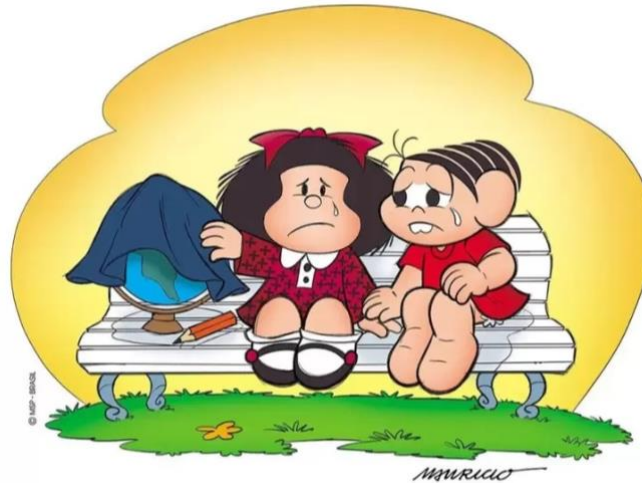


Figura 3: Maurício de Souza (2020)
Fonte: Perfil do *Instagram* (@turmadamonica)

No caso da figura 3, a charge não obedece a finalidade proposta pelos conceitos arrolados nas fontes de Lima (2019) e Michaelis (2024), ou seja, satirizar, ironizar ou gerar humor. Maurício publicou o cartum na página da Turma da Mônica do *Instagram* com a seguinte legenda: “Para sempre, Quino, Gracias.”. O desenhista brasileiro demonstra condolências quando apresenta sua personagem (Mônica) consolando a personagem do argentino (Mafalda). Publicado em setembro de 2020, o *post* foi celebrado pelos seguidores e não houve quem comentasse sobre a natureza da função que uma charge tradicional deveria ter. Em outros termos, os leitores em geral compreenderam que o desenho desempenhou, naquele momento, uma função apropriadamente reverente e de tributo ao cartunista falecido.

Como destacado anteriormente, o efeito de interpretação de uma charge não se prende unicamente ao humor ou a sátira há bastante tempo, contudo parece que essa compreensão ainda não alcançou a todos. Vejamos o exemplo da charge de Alberto Benett sobre o conflito Israel *versus* Palestina:



Figura 4: Benett (2024)
Fonte: Site Folha de S. Paulo.

Trata-se mais uma vez de uma tragédia. A charge publicada em outubro de 2023 retrata a quantidade de sangue derramado em meio ao recente conflito entre israelenses e palestinos, transversalmente imbricado com a presença da organização paramilitar Hamas. No cartum uma criança fala para a mãe: “Olha, mãe, o sangue dos dois lados é vermelho!”.

Novamente uma charge transita pelo objetivo de sensibilizar e humanizar o leitor, conduzindo-o a uma reflexão de que todos os que estão sofrendo nos bombardeios são igualmente humanos e por isso têm sangue da mesma cor. Além disso, o desenho pode exercer uma posição crítica em relação aos agentes de governo de Israel e milícias árabes que atuam e delegam a guerra. Porém, de forma alguma a charge propõe ridicularizar ou satirizar o acontecimento.

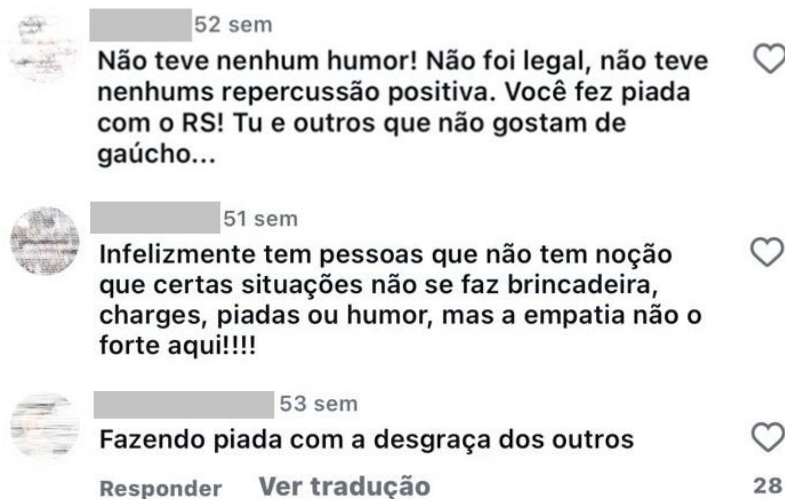
De volta à charge sobre a tragédia do Rio Grande do Sul (análises)

Retomando a polêmica sobre a arte de Jean Galvão (a primeira charge mostrada nesse artigo), pretende-se analisar as reações dos leitores a ela.

Diante de algumas charges mencionadas nesse artigo, e que cumpriram função semelhante à charge de Galvão, sem, porém, sofrer cancelamentos e *haters*, é possível inferir que outros aspectos podem ter motivado a sua rejeição por boa parte dos internautas.

A princípio pode-se deduzir que uma quantidade significativa de leitores das redes compreende que, como refletido anteriormente, uma charge é um gênero unicamente usado

com a finalidade humorística. Daí se tem os comentários⁴ (1), (2) e (3), além de muitos outros:



As críticas fazem menção ao “humor”, à “piada”, à “brincadeira”. Esses termos, dentro dos contextos dos comentários, indicam com clareza a ideia que esses leitores têm da função do gênero charge, nesse caso elas funcionam apenas com propósito de graça e comicidade.

As razões de tais limitações de interpretação estão no aprendizado obtuso dos gêneros textuais escritos e multimodais. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propõe que, ao longo dos anos escolares, no processo de aprendizado:

amplia-se o letramento, por meio da progressiva incorporação de estratégias de leitura em textos de nível de complexidade crescente, assim como no eixo Produção de Textos, pela progressiva incorporação de estratégias de produção de textos de diferentes gêneros textuais (Brasil, 2018, p.89).

O letramento desenvolvido no ambiente escolar é múltiplo e progressivo. “Progressivo”, pois, na prática pedagógica, os gêneros são concatenados numa ordem de sequência didática para que haja assimilação crescente pelo aluno. E “múltiplo”, pois, trata-se de uma variedade de habilidades de letramento: discursivo, textual, semiótico, argumentativo,

⁴ Todos os comentários arrolados nessa seção de análise foram coletados do perfil público do *Instagram* do chargista Jean Galvão, publicados no *post* de seu pedido de desculpas Galvão (2004). Os nomes dos perfis e as imagens dos internautas/comentaristas foram omitidos por razões legais.

digital, dentre outros. A lacuna do aprendizado dessas habilidades pode promover uma compreensão obtusa, estanque e pouco crítica. A BNCC propõe na prática de ensino que:

Da mesma maneira, imbricada à questão dos multiletramentos, essa proposta considera, como uma de suas premissas, a diversidade cultural. Sem aderir a um raciocínio classificatório reducionista, que desconsidera as hibridizações, apropriações e mesclas (Brasil, 2018, p.68).

O domínio do multiletramento é a forma de aprendizado capaz de ampliar as faculdades mentais evitando o “raciocínio classificatório reducionista”, como é o caso do exemplo do entendimento que as charges só servem para comicidade.

Outro aspecto notado nos comentários (4) e (5), além de muitos outros, é uma aversão à charge unicamente por causa da suposta posição política do chargista:



Nesses casos, as críticas contra a charge baseiam-se num tipo de argumento chamado *ad hominem*, ele ocorre quando o comentário, ao invés de argumentar no campo das ideias, ataca pessoalmente o oponente, esse tipo de persuasão é visto como “sinal da fraqueza humana” (Perelman & Olbrechts-tyteca, p. 126, 2005). As expressões “pseudo intelectual” (*sic*), “comunistinha” e “militante esquerdista” não demonstram qualquer relação com a interpretação da charge.

As rejeições dessa natureza ocupam os espaços da *web* que vira uma arena com temas políticos que podem eclodir a partir de qualquer assunto.

Há ainda uma debandada interpretativa que se assenta selvageria que provoca um incontido efeito manada. Os comentários apresentam-se para além da esfera da argumentação.

Nesses casos as redes sociais se tornam um campo de barbáries, como se verifica nos comentários (6), (7) e (8), e em muitos outros:



O artista passa a ser visto como o criminoso, mesmo após a sua explicação a respeito da natureza de sua arte e da linguagem semiótica que circundam a significação de sua criação estética. É nesse ponto que a *internet* se mostra uma arena sem fronteiras, aberta ao fenômeno do medo e do cancelamento, seja por falta de interpretação, por discordâncias políticas ou por incivildade simplesmente.

Conclusão

Não são os manuais, os dicionários ou os livros que determinam em definitivo a finalidade que os gêneros textual ou multimodal devem exercer no bojo da comunicação social. Mas sua função é construída na robusta relação: leitor/texto/gênero/letramento, essa amplitude de elementos solidifica a capacidade adaptativa de linguagem.

A leitura pode sofrer influências diversas como: a má percepção da flexibilidade do gênero pelo leitor ou pelo autor; a percepção que o leitor pode ter a respeito do autor, ou seja, seu *ethos* pré-discursivo (*conf.* Maingueneau, 2008); a realização de uma interpretação baseada em comentário anterior sobre a charge, gerando um “efeito manada” de leituras sugestionadas, dentre outras variáveis.

As charges, quando criadas, foram um formato artístico exclusivamente usado para o deboche, a ironia, a sátira, o humor, a crítica. Porém há muitas décadas elas são usadas para outras finalidades além dessas, e é justamente na hibridização dos gêneros textuais que novos modelos de textos podem nascer provocando a epifania da linguagem, onde novas modulações de uso da expressão podem acontecer. Essas inovações não têm percepções consensuais no momento de sua inovação, e podem custar tempo até que sejam reconhecidas como legítima.

Porém, sempre existe o aprendizado, como se vê no comentário (9):



51 sem

Entrei aqui para te atacar, mas me comovi com as explicações, e as entendi...fique na PAZ...que falta nesse mundo.



Responder Ver tradução

Para que os letramentos aconteçam, é preciso que haja serenidade, disposição e empatia. É preciso que haja competência interpretativa da sociedade, onde seus sujeitos estejam embebidos na leitura e nas práticas de letramento em geral.

Referências

BAKHTIN, M. Os Gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*: 6ª ed. Int. e Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2003 [1979], p. 261-262.

BENETT. *Charge de 31.dez.2024. Folha de S. Paulo*, São Paulo, 31 dez. 2024. Disponível em: <https://cartum.folha.uol.com.br/charges/2024/12/31/benett.shtml>. Acesso em: 13 maio 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

BRONCKART, Jean Paul. *Atividades de linguagem, textos e discursos*. São Paulo: EDUC, 1999.

FERREIRA, R. *Poemas*. 3ª ed. Assírio Bacelar, Ed. Vega, Lisboa, 1998.

GALVÃO, Jean. *Charge sobre enchentes no Rio Grande do Sul*. Folha de S.Paulo, 5 maio 2024. Disponível em: <https://cartum.folha.uol.com.br/charges/2024/05/05/jean-galvao.shtml>. Acesso em: 14 maio 2025.

GALVÃO, Jean (@jeangalvao). *Sobre a charge do RS*. Instagram, 6 maio 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C6o3IKpRjTG/?igsh=ejlxZGNxNDNuczI0> . Acesso em: 14 maio 2025.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Orgs.). *Ethos Discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008, p.11-29.

O ESTADO DE S. PAULO. Era uma vez o arcabouço fiscal. *Notas & Informações*, São Paulo, 16 abr. 2024. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/opiniao/era-uma-vez-o-arcabouco-fiscal/> . Acesso em: 13 maio 2025.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

POSSENTI, S. Ler: descrever e interpretar. In: SERRANI, S. (org.). *Letramento, discurso e trabalho docente*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2010. p. 14-28.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. Gênero discursivo e tipo textual. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 87-106, 1999.

SOUSA, Maurício de. *[Charge com Mônica e Mafalda sentadas no banco]*. Instagram: @turmadamonica, 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/turmadamonica/>. Acesso em: 13 maio 2025.

Recebido em: 14 de maio de 2025.

Aceito em: 28 de agosto de 2025.